

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

A Atlântida e a tradição Fawcett

■ Paulo Bertran

Paulo Bertran é historiador, escritor e poeta. Nasceu em Anápolis, Goiás, em 1948. Formou-se em Economia pela Universidade de Brasília, realizando cursos de pós-graduação na França. Ex-professor da UnB, do CEUB, UFG e da Católica de Goiás, foi um dos idealizadores do DF-Letras.

Membro da Academia de Letras do Distrito Federal e da Academia de Letras e Artes do Planalto, Paulo Bertrand é filiado, também, à Academia Pirenopolina de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e de Goiás.

Corria o ano de 1925. Há os anos vulgares e os admiráveis, mas aquele era um ano mágico no sertão. Depois de décadas de sonolência histórica, uma labareda varia com fúria inusitada o império dos cerrados. De uma parte os revoltosos da Coluna Prestes invadiram Mato Grosso e Goiás, dão combates isolados, espalham inquietação na velha ordem do Sertão. De outra parte garimpeiros de diamantes do vale do Araguaia, maranhenses e bahianos, iniciam uma sanguinária guerra auto-destrutiva que logo soma 300 mortes.

No mesmo ano começa a afamar-se Benedita Cipriano da Silva - Santa Dica - bonita roceira de olhar magnífico, que no seu povoado de Rio do Peixe (Pirenópolis-GO) proclama uma República camponesa mística, realiza curas milagrosas e envolve-se com conflitos terrenos, como foi mostrado por Carlos Del Pino, em "República dos Anjos", um filme de extração brasileiro.

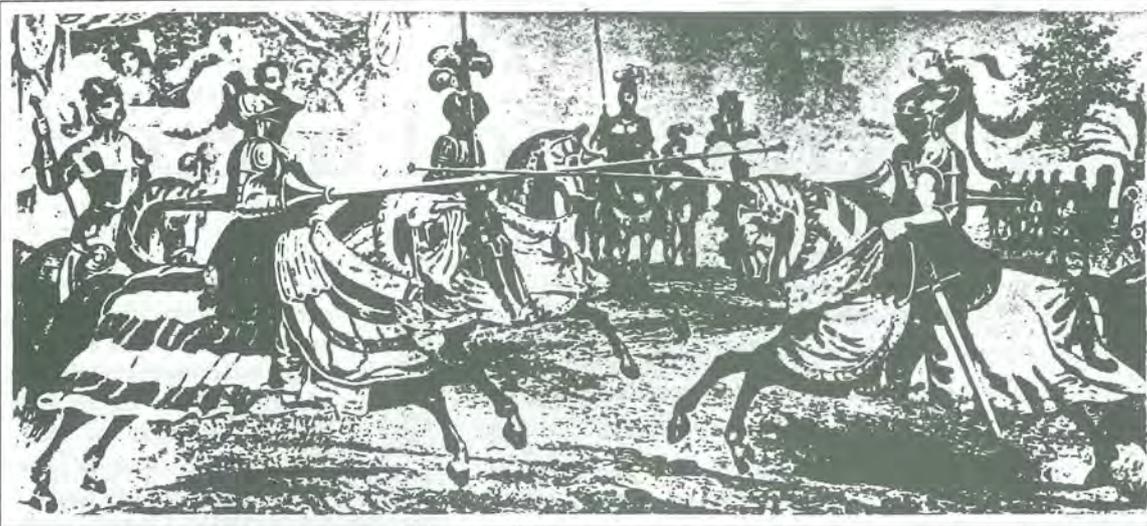
1925 é para o Brasil Central o ano interminável, no sentido da geração de cenários milenaristas, mil anos, dez séculos de novas configurações místicas e matérias, de violação do lacre dos tempos, de saturação de matérias combustíveis na ordem do imaginário social roto.

E de novas bandeiras simbólicas, novos mitos, novo vendaval mágico soprando pelas veredas. Novo Milenarismo.

É nesse *annus mirabilis* - ano admirável de 1925 -, que desaparece para sempre em algum ponto das chapadas do rio das Mortes e do Xingu um famoso explorador inglês, o coronel de Artilharia de sua majestade britânica, Percy Harrison Fawcett.

Fawcett autodescrevia-se como um lobo solitário, particularmente





*Na Idade Média os duelos entre os nobres eram verdadeiros espetáculos populares.
Hartmann Archive*

sóbrio, dizia, endurecido pela vida, originário de uma família desprovida de afeições. Depois da infância e da formação militar na Inglaterra, onde nasceu em 1867, passou ao Ceilão e ali casou-se em 1901. Com a mulher andou pela África do Norte, pela enigmática Ilha de Malta, atingiu Hong-Kong e em 1906 vivia na Irlanda.

Ali o contratou o governo da Bolívia para levantar suas desconhecidas fronteiras com o Brasil. Esteve no Acre. Na Xapuri de Chico Mendes, conheceu e teve boa impressão do conquistador Plácido de Castro. Meteu-se enfim nas zonas de extração de borracha, em rios e selvas intermináveis, assistiu a espetáculos apavorantes de miséria, de violência e de degradação da vida humana nos mercados de escravos, brancos e índios, onde, calculava Fawcett, que para cada tonelada de borracha contabilizava-se pelo menos uma morte humana. Pelo trabalho na Bolívia deu-lhe a Royal Geographical Society sua mais alta comenda: a Medalha de Fundador.

O explorador Fawcett dos primeiros anos de América do Sul (1906-1913), ainda pouco sugere o investigador iniciático das outras expedições ao Brasil. Mas os acontecimentos logo se precipitaram.

A descoberta da Cidade perdida de Machu Pichu em 1911, pela expedição Hiram Bingham e a Univer-

sidade de Yale, justo nos altiplanos Andinos, nos quais Fawcett andara, incendeia sua imaginação. Em 1914, ainda a serviço da Bolívia, desvia-se da missão para explorar as colinas misteriosas de Ricardo Franco em território brasileiro, ao Norte de Vila Bela, a antiga capital em ruínas do Mato Grosso.

Em 14, o já então reformado coronel Fawcett vai lutar na 1ª Guerra Mundial. Alguns autos não muito confiáveis citam-no então como vice-rei interino da Índia e como hóspede do Dalai-Lama no Tibete, onde teria se iniciado no ocultismo, como aconteceria à famosa Madame Blavatsky, formuladora da Teosofia, e depois a Lobsang Rampa, cujos livros eram muito vendidos no Bra-

rante seis meses, o explorador dedica-se a pesquisas em velhos documentos da Biblioteca Nacional e a visitas aos gabinetes ministeriais, em busca de recursos para suas expedições.

Na Biblioteca Nacional sim, encontra algo precioso: O Manuscrito 512, a "Relação de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores que se descobriu no ano de 1753" de autoria provavelmente do mestre de campo João da Silva Guimarães, bahiano. Ali via-se pórticos, estátuas, templos, casas, sinais de minas de prata. As minas de prata do romance de José de Alencar, descobertas na infância do Brasil pelo Moribeca, neto de Caramuru, e até hoje encobertas?

Se a Biblioteca Nacional foi-lhe proveitosa, a peregrinação pelos ministérios da República rendeu escassamente e propiciou-lhe a antipatia mais importante do Brasil da época: a do marechal Cândido Mariano Rondon, nosso mais notável sertanista.

Na presença do Presidente Epitácio Pessoa, do ministro Miguel Calmon e do próprio Fawcett, Rondon que além de nacionalista xenóforo, era positivista ortodoxo e ateu, atrasou com os místicos propósitos - remanescentes atlântidas em uma cidade perdida - do coronel inglês.

Fawcett, alegava Rondon, não declarava seus objetivos reais, seria apenas um aventureiro fantasioso que gostava de frequentar sessões espíritas e que se algo descobrisse no sertão, dele atingiria os brasilei-



*Chefe Caipó.
Expedição Coudreau,
em 1897*

ros, ou se ouro fosse, embolsava-o sozinho.

Seja como for, Fawcett obteve algum auxílio do governo brasileiro. Segue para Cuiabá em 1920 e dali ao norte atinge as cabeceiras do Xingu, uma região próxima àquela em que desaparecerá cinco anos depois. Teve problemas diversos. Seu companheiro de viagem, um australiano parlapatão, fez volta-volver e a expedição fracassou.

Aproveitou porém a estadia no Brasil e, em 1921, vamos encontrá-lo na Bahia, atrás da cidade perdida das minas de prata. Cabeceou pelas selvas que se colonizavam no rio Pardo e no rio das Contas, depois investe rumo ao São Francisco, indo além de Lençóis na chapada Diamantina.

Essê roteiro, inspirado no manuscrito 512 não apresentava novidades. Ainda em fins do Império, membros do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, seguindo o manuscrito, foram até as Serras de Sincorá e ali, de fato, encontraram curiosas formações rochosas, onde um espírito mais inflamado poderia ver ruínas fabulosas.

Outros exploradores brasileiros e estrangeiros também andaram pelo interior bahiano, fonte inesgotável de curiosidades geológicas até que melhor divulgando o complexo impressionante das Sete Cidades do Piauí, as belezas bahianas foram caindo no esquecimento.

Fawcett volta à Inglaterra com poucas novidades. Aposentado no Exército, ele e a família vivem pobremente e o coronel entrega-se à maior crise existencial da sua vida. Escreve no seu diário, em 1924, (já estava com 57 anos): "Os últimos anos foram os mais miseráveis e os mais desencorajadores dos que vivi, cheio de angústias, de incertezas, de incômodos financeiros... Sacrifiquei minha mulher e meus filhos... em 24 anos de casamento não passamos mais do que 10 anos juntos...". E arrematava: "Se fracasso na minha (nova) expedição, meu trabalho na América do Sul acabará em fiasco, pois não poderei refazê-lo. Me desacreditarão tratando-me por vi-



*Chefe Caipó,
Expedição Oudreau,
em 1897*

sionário e me estigmatização como um homem que só pensa em se enriquecer...". Quem compreenderá que não quero tirar nem glória nem dinheiro e que o qual faço é na esperança do benefício que terá a humanidade com minhas pesquisas?"

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, o ambiente intelectual na Inglaterra convergia para uma onda de misticismo impressionante. Das penas dos dois mais populares romancistas do Império emergiam histórias incríveis de reinos mágicos perdidos no coração da África, da América e da Ásia, e que se sustentavam na curiosidade pública com o suceder-se das emocionantes des-

cobertas arqueológicas do tempo: Machu Pichu nos Andes, Babilônia e Nínive no Iraque, as cidades Maias da América Central, o Egito prodigioso em brotar mistérios e tesouros do deserto, como o fizera Howard Carter com o riquíssimo tumulto de Tutancamon, verdadeira mina de ouro e de obras de arte.

O passado da Terra e da humanidade parecia a ponto de redescobri-se de forma inusitada, e as criações literárias da época espelharam esta inquietação e primeiro, ao que parece, Sir Arthur Conan Doyle e o coronel entraram em contato. Sir Arthur é o criador do detetive eterno, Sherlock Holmes, modelo para o gênero de todas as banalidades que vieram depois. Conta-lhe Fawcett ter descoberto restos de grandes fósseis nos rios bolivianos. Mostra-se fotografias que fizera das enigmáticas escarpas de Ricardo Franco, no Guaporé brasileiro. Sir Arthur, sugestionado, escreve "O Mundo Perdido" um romance que fez época, descrevendo um mundo de monstros antediluvianos no interior do Brasil.

Sir Arthur morreu em 1930, totalmente convertido ao espiritismo.

Enfim, outro romancista inglês, Sir Henry Rider Haggard, foram os dois em conjunto, ele e Fawcett, grandes incendiários da imaginação iniciática. Sir Rider Haggard, falecido em 1925, é um ficcionista primoroso, e deve estar entre os primeiros a se interessar pelos mistérios de civilizações desaparecidas.

Dele guardo a edição portuguesa do "Minas do Rei Salomão" uma excelente novela de que se fez recentemente um filme canastrão.

Outros livros de Haggard, como "Ella" e a "Volta de Ella", histórias de uma feiticeira sensualíssima, rainha em um mundo ignoto, foram sucesso mundiais de editoração.

Sir Rider teve um irmão embaixador no Brasil. Ou Cônsul (Meu Deus, que País de memória infame!). Esse irmão trouxe ao novelista informações transmitidas por um anônimo explorador a respeito de uma cidade perdida nos sertões brasileiros e Sir Rider escreve então "As Minas do Rei Salomão" situando-se porém na África, por alguma obscura razão.

Por fim, Sir Rider incendiou de vez a já excitada imaginação do co-

ronel Fawcett, confessando-lhe a verdade sobre as minas de Salomão e o presenteando com uma estatueta proveniente do Brasil.

E aqui começa a precipitar-se a história.

El-Dourado

A estatueta presenteada por Sir Haggard era, segundo os iniciados, a representação do Homem de Ouro, o El-Dourado dos nossos mitos.

O ídolo, esculpido em basalto negro, tinha singulares propriedades elétricas: Quem o tomasse na mão recebia um choque pelo braço, as vezes forte o bastante para assustar. Fawcett levou a estatueta para perícias no British Museum, onde os experts saíram-se com uma pérola de judiciosidade: "Se não fosse falsa, escapava completamente a seus conhecimentos".

Convenceu-se Fawcett que o ídolo era uma espécie de receptor de rádio, portador de uma mensagem de remota origem e levou-o para o que na época chamava-se "Psicometrista", hoje um vidente, um médium.

Esse com a estatueta na mão, passa a ter visões de uma ilha situada entre o

norte da África e a América do Sul, habitada por dois povos, um deles altamente civilizado. A ilha passava por uma terrível catástrofe e afundava-se no oceano, só uns poucos habitantes salvando-se. Era a Atlântida, afirmavam os psicometristas consultados por Fawcett. E a estatueta um ídolo de veneração atlante.

Os acontecimentos se avizinham no ano interminável de 1925. Volta Fawcett ao Brasil, via São Paulo, onde é badalado pela imprensa. No Instituto Butantã, abastece-se de soros antiofídicos. Segue de trem para Corumbá, pátria do Pantanal e do poeta das lesmas e das escarras, o formidável Manoel de Barros. Chega a Cuiabá, então cidade culta e beletrista, visto que naquele fim de mundo, ou as pessoas morriam em cima dos alambiques de cachaça, ou sobreviviam mergulhadas nos requintes das literatices. Aportados diretamente da Europa, Rio de La Plata acima, com escala em Buenos Aires, nos grandes solares cuiabanos havia sempre um piano francês e o todo poderoso Bispo local, D. Aquino Correia era tido como um dos maiores oradores do Brasil. Fawcett considerava-o um brilhante déspota.

Já tinha feito bons amigos na cidadezinha colonial, desde a viagem de 1920. A intelectualidade e os comerci-

antes de Cuiabá atenderam solicitamente ao explorador famoso, já então com 58 anos de idade. Trouxeram-lhe depoimentos fantásticos sobre esquisitices do sertão, torres iluminadas, cavernas, cachoeiras mágicas. Levaram-no à Chapada dos Guimarães, lugar impressionante pela beleza, pelos metamorfismos geológicos e pela aura sagrada.

O coronel Fawcett falava pelos cotovelos, excitadíssimo. Seus companheiros na nova expedição eram Jack Fawcett, seu filho mais velho, e um amigo deste, Raleigh Rimmel. Jack era um gigante loiro de 22 anos, vindo da Califórnia, onde gastava os dias como vaqueiro e como "ponta" de filmes. Adorava cinema.

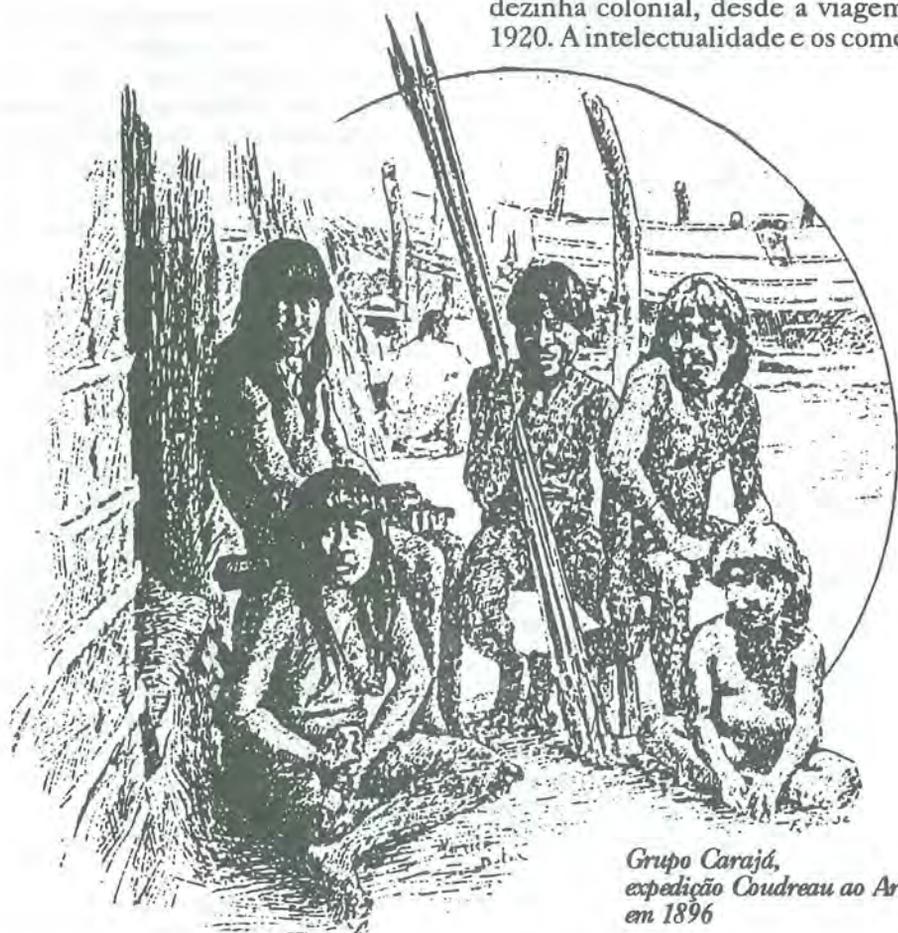
Os ingleses de fato tinham (ainda tem?) curiosidades notáveis em matéria de lógica fleumática.

Em abril de 1925 a expedição Fawcett deixou Cuiabá. Não se pode dizer que a região do Alto Xingu a que se dirigia fosse conhecida. Desde o século anterior o Barão Von Den Steinen havia descido o Rio Xingu e há pouco tempo meu velho parente, coronel Antônio Pirineus de Souza, rondoniano fanático, explorava o rio Paranatinga de ponta a ponta.

Hoje quase tudo está devassado e aberto, exceção feita ou bem às serras íngremes demais ou bem às florestas excessivamente fechadas, santuários que até agora a cobiça e a tecnologia não conseguiram vencer.

Em 25, a última fazenda ao norte de Cuiabá pertencia ao senhor feudal, "Coronel" Hermenegildo Galvão, dono de gados e gentes, e com ele hospedou-se Fawcett.

Contava Hermenegildo sobre o inglês: "Nunca vi o coronel separar-se de uma imagem que tinha cara de tudo, menos de santo... Coisa parecida com aquilo só tenho lembranças de



Grupo Carajá,
expedição Coudreau ao Araguaia,
em 1896

ter visto num almanaque de fim de ano... Tinha a cara de menino, mas menino é que não era!..." (Morel, 1936).

O leitor atento já identificou. Era a imagem do homem de ouro, elétrica, transmissora de mensagens, presente de Sir Haggard a Fawcett. Por certo serviria de sinalizador para a expedição, é o mínimo a se esperar, visto os precedentes. O coronel andava falando pelos cotovelos, lembremos. E o povo de Cuiabá ou, bem dele ouviu ou bem interpretou coisas perturbadoras, nos limites do fantástico... Que na Inglaterra professava o espiritismo... Que no Brasil era um Apóstolo do Ocultismo... Que a presença do seu filho mais velho, Jack, devia-se a uma previsão tibetana: Jack se tornaria príncipe de um reino subterrâneo nos sertões brasileiros.

Ao Dr. Eufrázio Cunha (Morel, 1936), historiador cuiabano, revelou ter o roteiro de Atlântida, a ele confiado por um mago boliviano.

Em uma sessão espírita em Cuiabá, a que assistia o próprio governador de Mato Grosso, Dr. Estevão Correia, Fawcett... "fez descer do teto uma flor orvalhada cujo encontro com uma outra semelhante indicaria a posição certa de Atlântida..." (Morel e Rondon, 1936).

Mas a ninguém precisava para onde ia a expedição, até mesmo porque talvez não soubesse. Referia-se na correspondência com a família a um "ponto z", algo entre o vale do Xingu e o vale do Araguaia, território Xavante e Tapirapé. A tradição moderna localiza o "ponto z" na Serra do Roncador, que se alonga sobre o Rio das Mortes desde Vale dos Sonhos até Nova Xavantina. Rio das Mortes esse que vem a ser uma das mais lendárias regiões do bandeirismo setencista e onde roteiros do Anhanguera e do Pai Pirá situavam os tesouros de Martírios e

dos índios Araés.

A última carta de Fawcett data do acampamento do Cavalão Morto, a 20 de maio de 1925. Estava bem...". Minha próxima carta será provavelmente do Pará ou do Ponto Z talvez... Não temam nenhum revés". E nunca mais deram notícias.

Isto é, notícias e notícias são. Sumido Fawcett é quando se torna lenda, mito, cicatriz inscrita na história do imaginário.

Passam da dezena as expedições organizadas para encontrar Fawcett - e nisso lembra o caso bem mais

os índios Nafaquás uma caneca de metal pertencente a Fawcett e nenhuma notícia mais. Diott tinha fama de explorador na África e no norte da Amazônia.

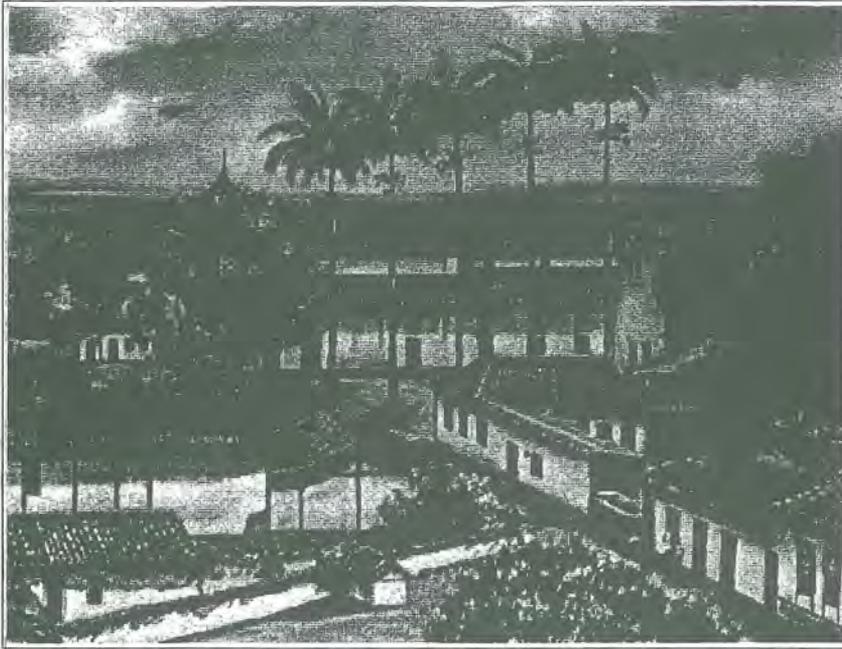
Em 1930 é a vez do notável e extravagante Albert de Winton, jornalista do American and Foreign Newspaper de Hollywood - USA. Albert era, por direito de título inglês, o último conde e marquês de Winton, parente da família real da Inglaterra. Entrou ilegalmente no Brasil à procura de Fawcett. Por onde andava, em Cuiabá ou no

inúvios sertões, deixava cartões de visita impressos em puro linho, com letras em ouro. Desapareceu completamente.

1931. Um suíço, Stephan Rattin, chega com notícias de ter encontrado Fawcett como prisioneiro de uma tribo de índios do vale do Paranatinga. Em depoimento ao consul inglês de São Paulo, Rattin, que era um sujeito simples, caçador de profissão, recusou qualquer publicidade ou dinheiro para montar expedições, explicando que o

coronel inglês é que o recompensaria. Voltou Rattin a Cuiabá, passou pela fazenda do coronel Hermenegildo Galvão. E desapareceu para sempre.

1933. O assunto Fawcett toma proporções gigantescas. O coronel Aniceto Botelho, velho rondoniano, encontra em território indígena uma bússola pertencente à expedição. O explorador italiano, Virginio Pessionni, envia à Royal Geographical Society relato dizendo ter encontrado o coronel inglês como chefe de tribo no vale do Paranatinga, e que Jack Fawcett já deixava ali geração com uma índia. O engenheiro José Morbeck sobe o rio das Mortes à procura de Fawcett e das minas dos Araés. Os padres italianos Fuchs e Sacilotti, Salesianos, que Edmar Morel acusava de serem tremendos fascistas, também sobem o rio das



Igreja Matriz de Paracatu e ruas da cidade. Tela de Wanda Nascentes de Queiroz Melo

antigo do Dr. Livingstone, perdido no coração da África e encontrado por outro inglês, o jornalista Stanley, do Herald de Londres, que ao vê-lo, os dois únicos brancos em mil quilômetros africanos de raio, disparou a última fala hamletiana do Império Britânico:

Dr. Livingstone, I presume? Notáveis esses velhos ingleses...

A primeira notícia sobre Fawcett deu-a um francês, Roger de Courteville. À beira de uma estrada de Minas Gerais (tinha que ter Minas nesta história), apresentou-se a Courteville um velho com ar demente dizendo ser o coronel Percy Harrison Fawcett.

Em 1928, a Newspaper Alliance de Nova York, agência noticiosa para a qual escrevia Fawcett, enviou à sua procura o comandante George Diott, que encontrou entre

Mortes e são trucidados pelos Xavantes. Parece que D. Bosco, no famoso sonho profético de 31 de agosto de 1883, a respeito de Brasília, referiu-se a eles, quando aterrorizado "assiste ao sacrifício de dois missionários salesianos abatidos a tacape pelos índios".

Chateaubriand

Tentemos porém encurtar esse interminável assunto de 1925. Direi apenas que caiu no paladar de Assis Chateaubriand e dos seus "Diários Associados" o maior monopólio de imprensa de que já se teve notícia na América do Sul.

Chateaubriand pautou o jornalista Edmar Morel para cobrir, a partir de 1936, o assunto Fawcett e coisas correlatas, como a expedição Concaador - Xingu. Grandes jornalistas e fotógrafos como David Nasser e Jean Manzson estiveram à disposição dos mitos.

E como a imprensa no Brasil tomava então a mesma linha Clark-Kent da norte-americana, que caracteriza o espetáculo (com a renúncia à moderação e ao comedimento do simples bem informar), não gastemos a sanidade mental com as velhas reportagens espetaculosas e ególatras que sobre o assunto surgiram nos últimos 50 anos.

Em 1952, nosso notável sertanista Orlando Vilas Boas, ouve entre os índios Calapalos a narrativa do trucidamento de três brancos - e ligou o acontecimento à expedição de Fawcett. Encontrou um esqueleto humano indicado pelos índios, mas perícias realizadas aqui e na Inglaterra em nada autorizaram a identificá-lo com os membros da expedição.

Serviu o fato para suscitar nova onda mundial sobre o assunto. Alcançada na Suíça, Lady Nina Fawcett, viúva do coronel, informa estar em permanente comunicação telepática com o marido e o filho, e que viveriam em "Zona Pétreá" em companhia de índios brancos. Vez por outra deles receberia, por canais secretos, cartas e fotografias (Aureli, 1962) e como sabia estarem bem e terem alcançado o que queriam, desinteressava-se da questão.

Não obstante havia ainda pela época em Zurich um tal qual cientista Dr. Arnold Bachmann, que se dispunha a vir buscar os Fawcett



Retrato de um Cavaleiro
(Francesco Maria della Roverel),
de Carpaccio, 1510

nas selvas brasileiras a bordo de nada menos do que um carro tanque da Segunda Guerra Mundial!

Para serenar os ânimos, Brian Fawcett, filho mais novo do coronel, andou compilando anotações e cartas do Pai e em 1952 lança, em inglês, e logo em francês os dois volumes das "Memórias do Coronel Fawcett" por cuja edição, Amriott Dumont, Paris, 1953, me guiei preferencialmente.

É um livro calmo, comportado, discreto, a contrastar com o pirotecnismo e a fantasia das fontes impressas brasileiras.

E aqui também é hora de nos desinteressarmos da história de Fawcett, à exemplo de Lady Nina, e de nos preocuparmos com suas consequências místicas, o real histórico após a incineração dos fatos.

Enquanto escrevia e lia sobre este assunto, lembrei-me frequentemente de dois geniais formuladores do imaginário moderno: o cientista americano Steven Spielberg e o escritor italiano Umberto Eco.

Spielberg, claro, com Indiana Jones, o aventureiro - cientista, talvez inspirado em Hiran Bingham, professor de Yale, descobridor da cidade perdida de Machu - Pichu. Inspirado também em Pauwels e Bergier (*O Despertar dos Mágicos*), onde vem tão detalhada a filogenia ocultista do nazismo.

Nos filmes de Spielberg, O Bem, que vence é o depositário dos objetos místicos.

Basicamente são metáforas sobre os mitos do passado, que reduzem os tempos em que existiam os Fawcetts de todo o mundo à caricatura bem humorada, às pilhérias com que uma geração crítica sua antecessora.

Spielberg no conjunto de sua obra preocupa-se de fato muito mais com o imaginário do futuro, com os contatos imediatos do 3º grau e com a genialíssima aplicação da teoria insteriana e da física quântica na série "De Volta para o Futuro".

Peço mais tempo e respondo com Umberto Eco, gênio cultural da velha Europa, metaforista perfeito a ponto de ser maçante pelo excesso de cultura, como no seu livro fundamental e chatíssimo, "O Pêndulo de Foucault". Em resumo diz ali mestre Eco que todos os mitos da velha Europa no milenarismo cristão são uma só e velha remissão de encadeamentos dos mitos hebraicos e cristãos. O Gral, Templários, Saint Germain, Cagliostros, Maçonaria, Rosacruz, Espíritas, todos os "meus diabólicos malditos", "como escreve em muitas partes com certo carinho, unidos sob o pêndulo do Museu de L'Homme, para que não se extinga o milenarismo da pedra filosofal européia. Ameaçados por quem, os hieráticos bruxos europeus? Ora, pelos moleques intuitivos nativos das Américas, tais uns tráfegos, Steven Spielberg, Gabriel Garcia Marques e até nosso Darcy Ribeiro com sua "Utopia Selvagem". E ainda os traidores, os revisionistas de mitos do milenarismo europeu como Jorge Luiz Borges, um João Guimarães Rosa, aquele obscuro John Smith, fundador da seita de Salt Lake City, e o Paulo Coelho.

Umberto Eco foi perfeito na sua metáfora do esvaziamento místico da Europa em proveito da barbaridade luxuriosa das Américas. Como no caso do milenarismo brasileiro, que apesar de ter tomado suas doses cristãs de D. Sebastião, de São Tomé e do Templarismo da Ordem de Cristo, afinal fixou-se mesmo nos velhos mitos bandeirantes e indígenas: o El Dorado, as Amazonas, cidades e povos perdidos.

É duvidoso que Fawcett tenha

sido o primeiro a conectar esses mitos básicos com a tradição greco-européia da Atlântida. Mas sem dúvida foi o primeiro a divulgá-la, pelo estardalhaço mundial do seu sumiço.

E fez escola?

Fez escola. Devem existir por aí diversos textos e pessoas inspiradas na tradição iniciática estabelecida por Fawcett e sua história, como por exemplo, a vertente européia do professor Timothy Paterson. Vou cingir-me porém a Udo Oscar Luckner e ao que está contido no seu livro iniciático "Mistérios do Roncador" de 1981, um entre os seis que publicou.

Udo Oscar é o Hierofante, o mentor, o papa do Monastério Teúrgico do Roncador, que vem a ser um seminário convertual de magia, um colégio de magia, situado na região da Serra do Roncador-MT. Por passagens do livro deduzo que o autor é catarinense e que peregrinou por diversos locais iniciáticos do País, como a Pedra da Gávea no Rio de Janeiro, São Tomé das Letras-MG, Caiapônia-GO e naturalmente, Roncador-MT. Esteve também nos vales andinos do Chile, no centro religioso da Montanha do Assuan na Bolívia, no Lago Titicaca etc, em certo Templo de Akalam, que se situa do lado boliviano do Lago Titicaca, segundo Luckner, encontrou um grande filósofo a quem perguntou sobre Fawcett e que lhe respondeu: "Sim, estivemos na montanha de Assuan, onde ele ganhou a cópia de IBEZ... de sobre o altar do Senhor do Tempo... Tirou a cópia sagrada e entregou ao Senhor da Fonte das Inteligências...". Mais uma estatueta elétrica?



Roda da Varia Fortuna - concepção de História do Século XVIII

Após longas peregrinações, Udo Oscar chega à Serra do Roncador em 1968:... "Antigos moradores da região, pequenos posseiros, mostraram-se acampamentos de europeus e norte-americanos, possuindo até campo de aviação. Esses exploradores ali haviam permanecido muitos anos, buscando a trilha de Fawcett"...

Enfim, diz Udo ter sido autorizado a subir a serra do Roncador e explorar a Montanha Sagrada, e a 12 de março de 1968 teria chegado às Três Portas.

Encontra ali seu mestre Jeth e juntos empreendem a descida ao mundo subterrâneo, através de cavernas e labirintos, até uma cidade de formato circular, onde viviam pessoas louras, altas e de tez rosada. Dali partem a bordo de uma nave rumo à outras cidades da Serra dos Araés, onde no grande templo de Algoal, assiste a um concerto, com o Conde de Saint Germain ao piano.

Em outra viagem à cidade secreta de Morro do Vento, em Roraima, toma conhecimento dos arquivos de Atlântida, com sua origem, sua história, sua destruição e a vinda dos sobreviventes para as cidades secretas, tudo registrado em livros que vêm sendo escritos há 18 mil anos. A maior das Bibliotecas encontra-se sob as escarpas do Roncador. Há também a cidade de Lelha, os Sábios, os Anciãos, os Reis, a casa real de Algoal e os senhores do Quinto Sistema com suas naves estelares.

Udo Oscar Luckner diz que ao fim de uma noite tumultuosa, em 14 de novembro de 1972, ele e sua mulher Théré encontraram três marcos de pedra no cimo do Roncador. Conforme inscrições, ali estava

a porta da cripta onde Fawcett havia depositado a estatueta, reprodução fiel da imagem de IBEZ - o que irá comandar o novo ressurgimento...

Para por aqui. O restante do que diz o livro de Udo Oscar escapa à história para pertencer ao reino gnóstico, aos "Queridos malditos diabólicos" do escritor Umberto Eco.

E como homem de escritório, curioso e céptico quanto aos mistérios do mundo e da imaginação humana, preguiçoso e medroso para as coisas iniciáticas, cada vez mais admiro a propriedade com que o escritor Antônio Callado, velho estudioso da questão Fawcett, a isso se referiu: "...é bom não esquecer que da inutilidade entendemos todos, da vida banal, da espera da morte no escritório. Que então sabemos da esperança que ateou um fogo tão vivo no peito deles?..."

■ Paulo Bertran, historiador